

ESPAÇO PÚBLICO



Luís Castro



Ganhar em casa do Real Madrid num jogo da Liga dos Campeões já não é uma façanha ao alcance de qualquer um, mas fazê-lo num contexto de um plantel depauperado por uma onda de casos de covid-19 e de lesões é ainda mais invulgar. Foi “apenas” isso que conseguiu ontem o Shakhtar Donetsk, comandado pelo treinador português Luís Castro. Em Espanha, os ucranianos já ganhavam por 0-3 ao intervalo e seguraram o triunfo, com mérito e sofrimento, até ao fim. (Pág. 38) **N.S.**



Josep Lluís Trapero



O ex-chefe da polícia autonómica da Catalonha foi absolvido, bem como a restante cúpula dos Mossos d'Esquadra, de colaborar no processo independentista catalão. Para a maioria dos juízes, Trapero, que estava acusado de sedição e desobediência e se arriscava a uma pena de dez anos de prisão, agiu com o objectivo de evitar danos maiores naquele período de grande tensão. A sentença inflige um duro golpe às teses apresentadas pela acusação. (Pág. 27) **J.J.M.**

Papa, uniões *gay* e Igreja Católica



Ana Sá Lopes
Editorial

O Papa lançou ontem uma bomba: Francisco, o chefe da Igreja Católica que mais se tem esforçado por acolher *gays* e famílias *gay* na congregação, defende a legalização de uniões civis de homossexuais. As palavras do Papa, que vão expressamente contra a posição actual da Igreja, aparecem num documentário apresentado ontem em Roma que tem o seu nome – *Francesco*. Desta vez, o discurso de Francisco é inequívoco e dificilmente abre espaço a que os serviços de

imprensa do Vaticano venham temperar a coisa a não ser para dizer o óbvio: o que o Papa disse não corresponde à doutrina oficial da Igreja.

E é verdade que não corresponde. Francisco esteve entre os “perdedores” no Sínodo de Outubro de 2014, quando os parágrafos do documento preparatório que defendiam uma maior integração dos *gays* na Igreja Católica não obtiveram a maioria de dois terços necessária à sua aprovação. Os bispos reunidos em Roma, na altura, não aceitaram que ficasse escrito que os homossexuais tinham “qualidades a oferecer à comunidade cristã”. Só foi aprovado que a discriminação contra *gays* “deve ser evitada”.

Mas Francisco nunca foi tão longe como nesta sua entrevista: “Os

homossexuais têm direito a viver em família”; “São criaturas de Deus e têm direito a uma família”; “O que temos de criar é uma lei de união civil. Dessa forma, estarão legalmente protegidos”. E, no documentário, diz ainda que já defendeu as uniões civis, provavelmente quando se discutiu o casamento *gay* na Argentina, aprovado em 2010. Na época, Bergoglio era cardeal de Buenos Aires e fez campanha contra a legalização do casamento.

Francisco é o chefe da Igreja Católica, mas não é a Igreja Católica – a prova disso foi a sua derrota no Sínodo de há seis anos. Os mais cínicos, como o correspondente da BBC em Roma, dirão que Francisco segue uma linha de fazer pronunciamentos que agradam aos

mais liberais, enquanto vai mantendo mais ou menos intacta a ordem tradicional da Igreja Católica.

Contudo, as coisas movem-se, mesmo numa instituição conservadora. Francisco acabou de atravessar uma espécie de Rubicão no seu papado. Já não é só acolher os *gays*, é defender a sua organização familiar em moldes mais ou menos idênticos aos casamentos entre homem e mulher, que os católicos encaram como um sacramento. Estamos a assistir a um corte epistemológico no Vaticano, contra as leis até agora aprovadas pela congregação. Francisco abre o caminho para que a Igreja Católica não se divorcie totalmente do mundo que quer doutrinar.

ana.sa.lopes@publico.pt



As cartas destinadas a esta secção devem indicar o nome e a morada do autor, bem como um número telefónico de contacto. O PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e eventualmente reduzir os textos não solicitados e não prestará informação postal sobre eles.

Email: cartasdirector@publico.pt
Telefone: 210 111 000

CARTAS AO DIRECTOR

Abateram os pinheiros-mansos do IC2

Enormes e frondosos, sombreando quem lá passava, aconchegando condutores e passageiros, esverdeando a paisagem. Um reduto de alegria em terras azafamadas. Prosperaram incautos livres da ira humana (seculares, dizem). Estes foram os afortunados – o normal é sucumbirem mais cedo ao zelo da motosserra, pois as árvores são sempre culpadas até prova em contrário. Não há motivo de queixa, existe ainda a esperança de que outros, mais pequenos, possam vir ser plantados. Aliás, foi por uma boa causa. Sim, os pinheiros caíram que nem mártires! As copas cresceram desmesuradamente, gananciosas, e seriam pasto fácil para as chamas. Chamas que enfrentarão barreira agora inultrapassável,

essa do IC2, e se deterão disciplinadas num dos sentidos. Foi tudo justificado.

Os pinheiros centenários vão salvar os jovens eucaliptos que abundam nas redondezas. Vivemos confinados, amargurados com a incerteza e a copa majestosa destas árvores já lá não estará para nos confortar. Recusei-me a acreditar. Ousaram mesmo abater mesmo os pinheiros-mansos do IC2. *Nuno Quental, Bruxelas*

Henrique Pinto e Eugénio Fonseca

O fundador da Cais e o presidente da Cáritas deram na RTP3 um corajoso contributo para a imperiosa urgência de chamar “os nomes aos bois” num movimento contrário ao da manutenção dos eufemismos em matéria de pobreza a que o país vem

assistindo como que dormente ou narcotizado.

Deviam envergonhar-se os que assobiam todos os dias para o lado contrário ao da fome, da miséria e do abandono social. O número cada vez maior de deserdados das crises e esquecidos da protecção do Estado vai convergir garantidamente para cenários de conflitualidade social que a maioria do povo não merece, mas que os populismos de uns quantos gulosos de patuleias a visitar desejam e estimulam.

Henrique Pinto e Eugénio Fonseca insistiam, denodadamente, que na base dos mais de dois milhões de pobres sinalizados em Portugal estava o mais elevado custo de vida da Europa *versus* os salários mais baixos desta mesma Europa e ainda que continuamente interrompidos pela senhora jornalista – que em vão tentava

(ingenuidade ou missão?!...) derivar para as culpas exclusivas da pandemia de covid-19 – não abdicaram de o reafirmar como a grande causa do fenómeno da fome e da miséria social vigente no nosso país.

O exemplo da obscenidade de rendas de habitação a 600€ para gente que nem isso ganha por mês é tão ofensivo da dignidade humana como o silêncio dos culpados que para tal situação olham com “neutralidade” ou omissão de atitude cristã. Somos todos portugueses “ordeiros” e “disciplinados”?... Faça minha a perplexidade dos entrevistados: onde está a nossa capacidade de protesto? Esgotou-se em Abril de 1974?

A fome do outro não é a minha?... E quando a minha chegar?
Conceição Mendes, Vila Nova de Gaia